



UNILAB

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO DE RECURSOS HÍDRICOS,
AMBIENTAIS E ENERGÉTICOS**

NAIANE JESUS PINTO

**O RIO JOANES E SUA IMPORTÂNCIA PARA AS COMUNIDADES
TRADICIONAIS DO SEU ENTORNO**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2018

NAIANE JESUS PINTO

**O RIO JOANES E SUA IMPORTÂNCIA PARA AS COMUNIDADES
TRADICIONAIS DO SEU ENTORNO**

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Gestão de Recursos Hídrico, Ambientais e Energéticos da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Gestão de Recursos Hídricos, Ambientais e Energéticos.

Orientadora: Prof.^a Me. Ana Paula Pinto Bastos.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2018

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

P729r

Pinto, Naiane Jesus.

O rio Joanes e sua importância para as comunidades tradicionais do seu entorno /
Naiane Jesus Pinto. - 2018.

33 f. : il. mapas, color.

Monografia (especialização) - Instituto de Educação a Distância, Universidade da
Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2018.

Orientadora: Prof.^a Me. Ana Paula Pinto Bastos.

1. Comunidades agrícolas – Joanes, Rio, BA. 2. Gestão ambiental – Área de
Proteção Ambiental Joanes Ipitanga, BA. 3. Recursos naturais – Joanes, Rio, BA.
I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 338.47918142

NAIANE JESUS PINTO

**O RIO JOANES E SUA IMPORTÂNCIA PARA AS COMUNIDADES
TRADICIONAIS DO SEU ENTORNO**

Monografia julgada e aprovada para obtenção do título de Especialista em Gestão de Recursos Hídricos, Ambientais e Energéticos da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

Data de aprovação: 13/07/2018

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Me. Ana Paula Pinto Bastos

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Me. Raulim de Oliveira Galvão

Prefeitura Municipal de Marabá (PA), Secretaria de Obras e Viações Públicas

Prof. Me. Dayvison Chaves Lima

Banco do Nordeste do Brasil

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me permitido estar em meio acadêmico e comunitário e poder usufruir destes conhecimentos versados aqui acerca dos municípios que integram a bacia do Rio Joanes.

À minha filha Maria Sophia que ficou em falta da minha atenção nos finais de semana e muitas vezes companheira nas noites para a escrita da pesquisa;

Aos interlocutores diretos e indiretos da pesquisa sem vocês eu não teria conseguido; gratidão por ter tido paciência e por colaborar com a pesquisa e ter mergulhado junto comigo nesta viagem;

À minha orientadora Ana Paula Bastos, por todas as suas recomendações, orientações e interferências no decorrer da pesquisa;

Ao gestor da APA Joanes-Ipitanga Geneci Braz, meu muito obrigado,

A todos os professores da Pós em Recursos Hídricos Energéticos e Ambientais que direta ou indiretamente contribuíram para realização deste.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para o êxito desta pesquisa;

Muito obrigada!

RESUMO

A pesquisa ora apresentada tem por objetivo realizar um estudo dos recursos naturais utilizados pelas comunidades tradicionais encontrados na bacia do Rio Joanes. A metodologia utilizada para a pesquisa foi de caráter exploratória, descritiva, documental bem como por meio de relatos de experiências com até dois moradores de cada comunidade e com o gestor da APA Joanes-Ipitanga. Para tanto foram construídos relatos orais, documentais dos interlocutores das comunidades e o gestor da APA-Joanes pitanga. Esta pesquisa apresenta-se como uma contribuição para subsidiar outras pesquisas no que tange a questão hídrica do Rio Joanes sobretudo na implantação de processos participativos que venham a fortalecer e integrar a gestão ambiental de territórios que envolvem esta bacia. Tendo em vista que os dados e relatos coletados comprovam a importância do Joanes para as comunidades e a relação de pertencimento das comunidades com o Joanes.

Palavras-chave: Comunidades agrícolas – Joanes, Rio (BA). Gestão ambiental – Área de Proteção Ambiental Joanes Ipitanga (BA). Recursos naturais – Joanes, Rio (BA).

ABSTRACT

The research presented here aims to study the natural resources used by the traditional communities found in the Joanes River basin. The methodology used for the research was exploratory, descriptive, and documentary as well as through reports of experiences with up to two residents of each community and with the manager of the Joanes-Ipitanga APA. For that, oral, documentary reports of community interlocutors and the APA-Joanes Pitanga manager were collected. This research presents a contribution to support other research on the water issue of the Rio Joanes, especially in the implementation of participatory processes that will strengthen and integrate the environmental management of the territories that surround this basin. Considering that the data and reports collected prove the importance of the Joanes to the communities and the relation of belonging of the communities with the Joanes.

Keywords: Agricultural communities - Joanes, Rio (BA). Environmental management - Environmental Protection Area Joanes Ipitanga (BA). Natural resources - Joanes, Rio (BA).

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Área de Abrangência da bacia hidrográfica do rio Joanes	14
Quadro 1	Dados Gerais dos interlocutores da pesquisa	24

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	UM POUCO DE HISTÓRIA	11
2	REVISÃO DE LITERATURA	13
2.1	RIO JOANES	13
2.2	COMUNIDADES TRADICIONAIS	16
2.3	O JOANES NASCE OU PASSA AQUI	18
2.3.1	Descrevendo um pouco sobre história das cidades bem como as comunidades tradicionais que dialogam com a pesquisa	18
2.3.2	“Onde eu nasci, nasce um rio”	18
3	METODOLOGIA	22
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	24
4.1	RELATANDO A EXPERIÊNCIA ACERCA DO RIO JOANES E AS COMUNIDADES TRADICIONAIS	24
4.1.1	Dialogando com as comunidades interlocutoras da pesquisa sobre a importância do Rio Joanes	26
4.2	DISCUSSÕES	29
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
	REFERÊNCIAS	32

1 INTRODUÇÃO

Peço licença aos povos e comunidades que utilizam os recursos naturais e culturais encontrados na Bacia do Rio Joanes para publicar os dados que foram construídos, tantos relatos orais, bem como documentais durante a pesquisa.

Um dos desafios dos dias atuais é lidar com as crises sejam elas ambientais, bem como hídricas e que suas causas são uso desequilibrado dos recursos naturais, e o aumento da demanda populacional. Estes fatores trazem grandes consequências para humanidades dentre eles a escassez hídrica para consumo humano.

Pensando na importância que tem os mananciais hídricos principalmente as comunidades que carecem de água encanada é que me proponho a pesquisar sobre o Rio Joanes e como se relacionam as comunidades tradicionais em relação a este recurso natural.

O Rio Joanes é muito importante e tem umas das suas nascentes no município de São Francisco do Conde-BA. Sua área de Proteção Ambiental Joanes Ipitanga abrange as Bacias Hidrográficas dos rios Joanes e Ipitanga, suas nascentes, represas e estuário. Este manancial é responsável por cerca de 40% do abastecimento de água da Região Metropolitana, o que justifica sua proteção ambiental e banha por sua vez diversas comunidades tradicionais que utilizam os recursos naturais para sobrevivência e manutenção das suas tradições, na forma de pesca artesanal, cultivos agrícolas, extração vegetal, água e minerais, dentre outros.

Nesta região que envolve os municípios de São Francisco do Conde, São Sebastião do Passé, Candeias, Camaçari, Simões Filho, Dias D'Ávila, Lauro de Freitas e Salvador, são encontradas diversas comunidades tradicionais, destacando-se os quilombos de Cordoaria, em Camaçari, Dandá e Pitanga de Palmares, em Simões Filho e Quingoma, em Lauro de Freitas; agricultores da Fazenda Guerreiro, em Simões Filho, Fazenda Petecaba, em Candeias; pescadores de Parafuso, em Camaçari e Futurama, em Dias D'Ávila, além da diversidade dos cultos de matriz africana.

1.1 UM POUCO DE HISTÓRIA

O Rio Joanes foi no período colonial e continua sendo palco de luta e resistência do povo negro. No texto o recôncavo rebelde do historiador baiano João José Reis, onde ele narra as revoltas escravas nos engenhos baianos, o historiador traz o Rio Joanes enquanto lugar de fuga e vai dizer que em suas margens aconteceram também revoltas dos rebeldes.

Para tanto o Joanes possui diversos atributos tantos naturais quanto socioculturais, águas doces e estuarinas; remanescentes de Mata Atlântica; manguezais, dunas e restingas; praias litorâneas; representantes da fauna; tradições Culturais: maculelê, bumba-meu-boi, samba de viola, terno de reis e festas típicas locais. Nas margens do Joanes também aconteceu um levante. Conhecido como levante do Joanes. Onde os negros que participaram do levante eram muçulmanos. Como protesto, decidiram atacar uma das principais práticas econômicas da época: a caça às baleias. De Salvador até a então Santo Amaro de Ipitanga, os negros resolveram pôr fogo em todas as armações onde eram colocadas as baleias que eram pescadas.

Vale lembrar que a repressão do governo foi enérgica, o que resultou na morte de 50 pessoas - muitos outros negros se enforcaram nas árvores ou se jogaram nas águas do rio, onde morriam afogados. Dos sobreviventes do massacre, seis foram condenados à forca. Foram executados na Praça da Piedade e depois tiveram as cabeças cortadas. Tendo em vista os diversos atributos do Rio Joanes sobretudo do ponto de vista cultural, natural bem como sociocultural é que a pesquisa ora apresentada tem como objetivo geral realizar um estudo dos recursos naturais utilizados pelas comunidades tradicionais encontrados na bacia do Rio Joanes.-Como objetivos específicos pretende-se: dialogar com os moradores das comunidades; analisar importância dos recursos hídricos para a manutenção das comunidades; realizar estudos sobre os aspectos da degradação do rio na perspectiva de sensibilizados sobre a importância deste. Propor ações voltadas para a prática de educação Ambiental para a busca de uma melhor qualidade Ambiental, tornar pública as informações sobre esta pesquisa afim de tornar as comunidades conhecidas.

A pesquisa justifica-se pela inquietação e curiosidade em tentar compreender como se relacionam as comunidades tradicionais em relação aos recursos naturais encontrados na Bacia do Rio Joanes. Tendo em vista que através de cursos

oferecidos pelo INEMA, por iniciativa da gestão da APA Joanes- Ipitanga. Partindo do pressuposto também que pelo fato de ter trabalhado na secretaria do meio ambiente do município de São Francisco do Conde- BA. Tive contato algumas vezes com moradores bem como conheci algumas comunidades por ora são interlocutora desta pesquisa, e os relatos dos moradores despertou interesse em pesquisar. Haja vista que a história do rio Joanes bem como dos povos e comunidades tradicionais que encontram-se em sua bacia são de extrema importância, tornar pública essa história será de grande valia para entendermos as dinâmicas das comunidades e a importância do Joanes para estas. Para tanto esta pesquisa tem grande relevância no que tange as questões sobre o uso da água sobretudo em comunidades tradicionais, pois ajudará na construção de registro sobre o Joanes e norteará futuros pesquisadores da temática.

A pesquisa pode constatar que de fato o Rio Joanes é de extrema importância para as comunidades tradicionais que estão no seu entorno como também para o abastecimento de água para Salvador e Região Metropolitana, através do compartilhamento dos usos e a ocupação do território com base nas características socioambientais. Os resultados e dados obtidos certamente serão de grande relevância e servirão como aporte para futuras investigações e direcionamentos ao processo de condução da importância de conservação, preservação do Rio Joanes. Será de fundamental importância divulgar estes resultados para subsidiar outras pesquisas no que tange a questão hídrica do Rio Joanes sobretudo na implantação de processos participativos que venham a fortalecer e integrar a gestão socioambiental de territórios que envolvem esta bacia.

A metodologia para a pesquisa de caráter exploratória, descritiva, documental bem como por meio da construção de relatos a partir da experiência com até dois moradores mais antigos de cada comunidade e com o gestor da APA Joanes-Ipitanga, haja vista que estes possuem informações que irão viabilizar a qualidade e bom andamento para a pesquisa. Já a abordagem foi qualitativa, uma vez que Pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Esta não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o fio condutor. Tal pesquisa é descritiva. Os pesquisadores

tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. Na abordagem qualitativa, a pesquisa tem o ambiente como fonte direta dos dados. O pesquisador mantém contato direto com o ambiente e o objeto de estudo em questão, necessitando de um trabalho mais intensivo de campo. Nesse caso, as questões são estudadas no ambiente em que elas se apresentam sem qualquer manipulação intencional do pesquisador.

A pesquisa se deu por meio de relatos de experiência a fim de construir interlocução com as comunidades que estão no entorno do Rio Joanes e dentro da APA Joanes-Ipitanga.

2 REVISÃO DE LITERATURA

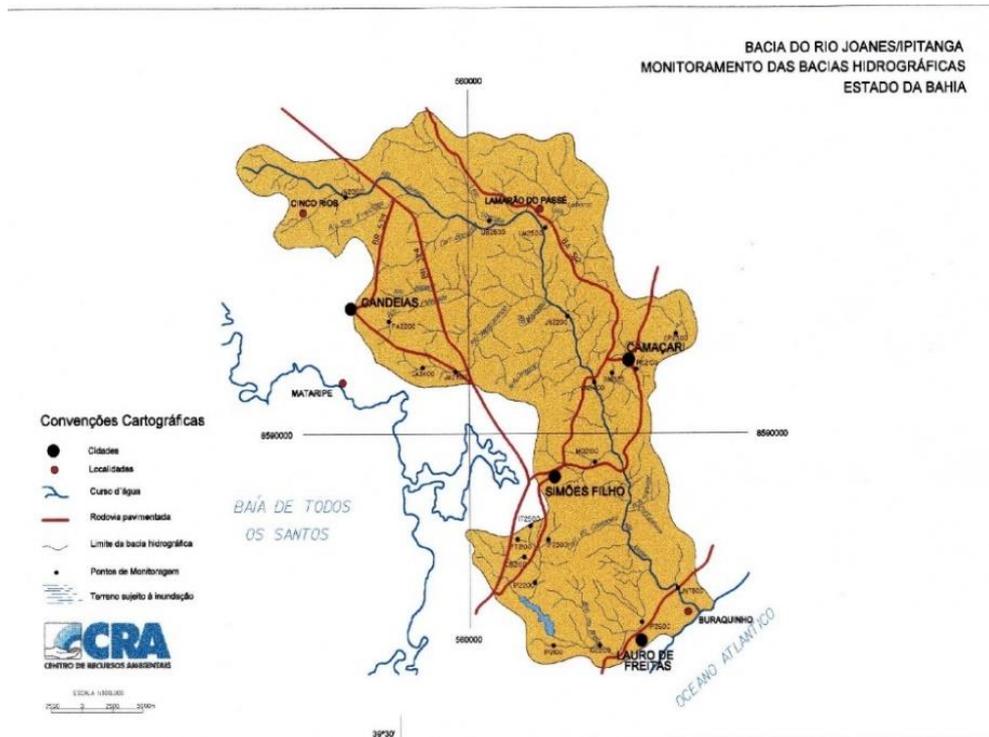
2.1 RIO JOANES

Na contemporaneidade, atravessamos diversos desafios e um dos grandes desafios da humanidade é agir de forma equilibrada no que tange a questão ambiental. Principalmente com os problemas ocasionados pela degradação sobre os recursos ambientais. Neste caso os recursos hídricos em função do atendimento das demandas decorrentes do aumento populacional, construções de empreendimentos bem como expansão industrial, irrigação, dentre outros, tais aspectos têm promovido consequências diversas para humanidade de forma geral porém de forma mais intensa sobretudo nas comunidades quilombolas, indígenas, pesqueiras, como a escassez de água potável e também a perda considerável da biodiversidade, tendo em vista a importância de conservação e preservação dos ecossistemas e sua biodiversidade, preservação das matas ciliares, os mananciais hídricos, levando em consideração a preservação também dos valores históricos e culturais. Como afirma (Souza, 2014). É pertinente afirmar que estas são ferramentas viáveis e indispensáveis para minimizar os efeitos relacionados à crise ambiental e hídrica. Para tanto é imprescindível proteger o Rio Joanes e dá visibilidade a importância deste principalmente para as comunidades que estão no seu entorno.

A Bacia Hidrográfica do Rio Joanes é composta por uma rede de drenagem bem desenvolvida em uma área aproximada de 1.200 km², apresentando uma extensão linear de 75 km. As principais nascentes do rio Joanes encontram-se

situadas nos municípios de São Francisco do Conde (Fazenda Gurgainha) e São Sebastião do Passe (Usina Cinco Rios). A Seguir podemos observar a figura 1 da bacia hidrográfica do Rio Joanes e os municípios integrantes.

Figura 1 - Área de Abrangência da bacia hidrográfica do rio Joanes



Fonte: CRA (2000) De acordo com CRA (2000).

As bacias hidrográficas do Joanes e Ipitanga são responsáveis em abastecer parte da cidade do Salvador, Candeias, Lauro de Freitas, Simões Filho, Dias D'Ávila, Madre Deus e São Francisco do Conde, além de áreas industriais. Esse atendimento se dá por meio do represamento das águas através das represas Joanes I (abastecimento de Salvador e Lauro de Freitas) e Joanes II 32 (abastecimento do Pólo Petroquímico e CIA Norte), e Ipitanga I (regularizar as águas do rio Ipitanga complementar a produção de água potável de Salvador e Lauro de Freitas), Ipitanga II (fornecimento de água bruta e ou tratada às indústrias do CIA) e Ipitanga III (acumulação e transposição das águas do rio Joanes no período de estiagem e as reverte para o Ipitanga I e II). Essas barragens basicamente são utilizadas para reforçar o sistema de abastecimento de Salvador, além de fornecer água para os demais municípios da Região Metropolitana de Salvador.

O Joanes possui, como já citado acima, diversos usos dentre eles o abastecimento industrial: CIA – Centro Industrial de Aratu e Polo Industrial de Camaçari. Usado também é a dessedentação de animais: bovinos e búfalos, no entorno dos pontos de nascente e ao longo da represa Joanes II, notadamente nos municípios de São Sebastião do Passé e Candeias.

Por fim podem ser citados o lazer e esportes náuticos: trecho estuarino até a sua desembocadura situada na praia de Buraquinho, em Lauro de Freitas. Um dos usos mais importantes do Joanes é a pesca artesanal: que Segundo (SOUZA 2014), podem ser observadas em grande escala em alguns trechos da zona estuarina e de forma artesanal ao longo dos espelhos d'águas das represas Joanes I e II, Ipitanga I, II e III. Esta atividade predomina nas comunidades de Parafuso, em Camaçari, Futurama, em Dias Dávila e Lamarão de Passé, município de São Sebastião do Passé. Ao visitar algumas comunidades que são banhadas por este rio pode observar que em sua maioria desenvolvem a atividade da pesca artesanal e plantação e cultivo de vegetais.

A sua foz situa-se na divisa entre os municípios de Camaçari e Lauro de Freitas na Praia de Buraquinho, possuindo no estuário uma extensão de aproximadamente 6 km. Seus maiores afluentes localizados na margem esquerda são os rios Uberaba, Lamarão, Sucuricanga e Bandeira e pela margem direita destacam-se o Riacho São Francisco, Rios Ibirussu, Boneçu, Petecada, Jacarecanga, Itabaoatã, Muriqueira e Ipitanga; compreendendo uma extensão total de seus cursos d'água de cerca de 245 Km.

De acordo com o Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos -INEMA a área de preservação ambiental- APA Joanes-Ipitanga –Criada em 1999, a APA Joanes-Ipitanga visa preservar as nascentes das represas dos rios Ipitanga e Joanes, responsáveis por cerca de 40% do abastecimento de água da Região Metropolitana de Salvador, e recuperar o ecossistema existente nesta área, os municípios integrantes possuem cerca de 64.472 hectares contempla partes dos municípios de Salvador, Lauro de Freitas, Camaçari, Simões Filho, Dias D'Ávila, Candeias, São Francisco do Conde e São Sebastião do Passé, representados por remanescentes de Mata Atlântica, manguezais, restingas, dunas e cerrados.

2.2 COMUNIDADES TRADICIONAIS

Dialogando sobre o conceito de comunidades tradicionais à partir de um breve panorama do contexto atual dessas políticas públicas, desde os sujeitos sociais que se organizam em movimentos coletivos para reivindicá-las junto ao Estado, como os quilombolas. A institucionalização e a burocratização de alguns setores privilegiados, situando no tempo as leis direcionadas para os povos e comunidades tradicionais que estão vigentes no território brasileiro. Porém vejamos que como relata (Silva,2016) foi:

A partir de 1988, foram apontadas algumas diretrizes conforme a pressão legítima das comunidades tradicionais do território brasileiro, com o propósito de construção de políticas públicas de Estado, de modo a lhes garantir os direitos do uso da terra e patrimoniais e outras políticas. As políticas públicas nacionais para comunidades tradicionais, dos quais os quilombos fazem parte, estão inseridas no processo de redemocratização da nação após o período de fechamento político fruto da ditadura militar. (SILVA,2016)

Cada uma das comunidades tradicionais representa um avanço rumo a um país mais igualitário, embora possamos identificar uma grave distância entre a sua redação e a sua aplicabilidade. Os povos indígenas e as comunidades quilombolas foram os primeiros a ter o estatuto de sujeitos de direitos assegurados pela Constituição Federal de 1988 e pelos tratados internacionais, como, a Convenção 169 da OIT; Convenção da Sociodiversidade; Convenção dos Direitos Humanos e Declaração da Organização das Nações Unidas – ONU. A partir dos anos 1980 observamos um avanço das políticas neoliberais no Estado brasileiro. Vejamos a citação a seguir:

O conceito “comunidades tradicionais” é relativamente novo, tanto na esfera governamental, quanto na esfera acadêmica ou social. A expressão comunidades ou populações tradicionais surgiu no seio da problemática ambiental, no contexto da criação das unidades de conservação (UCs), áreas protegidas pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - Ibama, para dar conta da questão das comunidades tradicionalmente residentes nestas áreas (CONSEA, 2008).

Por tanto para as comunidades tradicionais, a terra não é apenas um meio de produção, mas têm uma relação de pertencimento, cultural e ancestral, caracterizando-se também como um patrimônio coletivo e sociocultural. Para os quilombolas e indígenas, comunidades pesqueiras, ribeirinhas dentre outras, a relação com a terra é harmoniosa. É o lugar onde enterraram seus antepassados e também um local onde produzem e reproduzem seus modos de vida, exaltando suas culturas, seus saberes e

fazerem. É esta relação que as comunidades tradicionais têm com o Rio Joanes uma relação de preservação e uso racional.

Para tanto esses Povos e Comunidades Tradicionais são reconhecidos apoiados pelo Decreto nº 6.040, de 07 de fevereiro de 2007, que instituiu a “Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais” traz em seu artigo 3º:

I - Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para a sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas geradas e transmitidos pela tradição.
 II – Territórios Tradicionais: os espaços necessários a reprodução cultural, social e econômica dos povos e comunidades tradicionais, sejam eles utilizados de forma permanente ou temporária, observado, no que diz respeito aos povos indígenas e quilombolas, respectivamente, o que dispõem os arts. 231 da Constituição e 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e demais regulamentações.

Tais conceitos comungam com o Decreto nº 13.247, de 30 de agosto de 2011, do Estado da Bahia que institui a Comissão Estadual para a Sustentabilidade dos Povos e Comunidades Tradicionais – CESPCT, em seu artigo 1º, Parágrafo Único. Então, de acordo com a nossa legislação e vivência, podemos afirmar que um território tradicional é um local de resistência, transmissão de conhecimentos, preservação de identidades através da manutenção, construção e reconstrução das tradições culturais e históricas de um povo deve ser protegido por lei e garantido a segurança dos indivíduos que nele habitam.

Inserida no território da Unidade de conservação-UC, as comunidades ou populações tradicionais mantêm os seus aspectos culturais e praticam, sobretudo, a agricultura, a pesca e o extrativismo voltados à subsistência. Na APA Joanes-Ipitanga, estas comunidades estão representadas por pescadores, ribeirinhos e quilombolas, sendo estas últimas mais representativas e distribuídas nos Municípios de Salvador/BA, Camaçari/BA, Lauro de Freitas/BA, Simões Filho/BA e São Sebastião do Passé/BA.

As comunidades tradicionais brasileiras, bem como as comunidades interlocutoras dessa pesquisa representam uma forma de resistência bastante original no sentido de terem se adaptado à diversidade de condições sociais. Porém principalmente no interior da Bahia esta comunidade vem sofrendo com a falta de água bem como repressão de grandes empreendimentos em seus territórios

A seguir no tópico “O Rio Joanes nasce ou passa aqui conheceremos quem são estas comunidades tradicionais e sua relação com o Joanes”.

2.3 O JOANES NASCE OU PASSA AQUI

2.3.1 Descrevendo um pouco sobre história das cidades bem como as comunidades tradicionais que dialogam com a pesquisa

São Francisco do Conde está situado no Recôncavo Baiano, em terras originalmente pertencentes antigas às sesmarias de Dom Fernão Castelo Branco, e que depois se desenvolveu com a produção do açúcar. Possui aproximadamente 38.183 habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). É considerado o município de maior população negra (maior que 90%) declarada no censo. A cidade pertenceu a Salvador até 1697, quando foi emancipado.

Desde o período colonial este município foi um dos distritos canavieiros tradicionais do Recôncavo. São Francisco do Conde, juntamente com Santo Amaro, mais a Freguesia de Santiago do Iguape, formavam os distritos açucareiros mais ricos e tradicionais do Recôncavo da Bahia.

De acordo como geógrafo franciscano José Jorge do Espírito Santo (Thure). O município tem suas origens numa antiga seis Marias de D. Fernando de Noronha Linhares. Segundo ele.

A cidade, que nos seus primórdios era apenas um sítio, onde, pelas suas condições de salubridade, a cavaleiro do mar aglomeravam-se os primeiros colonizadores, tem suas raízes naquele povoado que tomara a denominação se São Francisco do Sítio de São Francisco em homenagem ao orago sob cuja inovação foram construídas no topo da mais linda colina que ali se encontra, um convento e uma igreja, inaugurados em 1618. (ESPIRITO SANTO, 1998, p.17)

2.3.2 “Onde eu nasci, nasce um rio”

São Francisco do Conde além de comportar em seu solo o ouro preto (Petróleo) e já produziu muito ouro branco (açúcar) também flui em seu solo o atual ouro incolor (a água) através do Rio Joanes que tem uma das nascentes aqui no município localizado na Fazenda Gurgaia a 3 km da Cede do município na comunidade de Dom João em uma área conhecida como Dom João Norte. A

ocupação econômica do Joanes aqui em São Francisco, segundo o INEMA, envolve: uso e ocupação do solo para exploração petrolífera; atividade de pecuária nos trechos e pontos próximo a nascente. É válido relatar que a secretaria do Meio Ambiente Municipal- SEMA sempre fazia o plantio da mata ciliar nesse trecho porém quando voltava para análise o gado da fazenda havia pisoteado e ficava inviável o reflorestamento.

O município de Simões Filho foi criado a partir da emancipação do então distrito soteropolitano de **Água Comprida**, com sua denominação atual, em 7 de novembro de 1961, pela lei 1538. Seu nome homenageia o jornalista e político Ernesto Simões Filho, fundador do jornal *A Tarde*, ainda hoje existente.

Integrando a Região Metropolitana de Salvador em 1973, por lei federal, desde esse período recebeu a instalação de diversas indústrias, sendo registrados mais de mil empreendimentos.

Em Simões Filho a comunidade que é banhada pelo Joanes é o Quilombo de Dandá. Quanto aos aspectos históricos, a origem da comunidade é datada em aproximadamente duzentos anos, quando ex-escravos ocuparam as terras de uma antiga fazenda. Em 2004, a comunidade foi certificada, pela Fundação Palmares, como remanescentes de quilombo. Em visita realizada, as lideranças locais relataram que, atualmente, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) tem a posse da terra, a qual ainda não foi titulada à comunidade. (RELATÓRIO DE VISITA, 2015).

No que diz respeito às atividades produtivas, foi informada a existência de atividade pesqueira, para subsistência, a qual sofreu uma significativa redução devido à poluição do rio Itamboátá. Em visita realizada, as lideranças locais informaram que há o interesse no desenvolvimento de atividades relacionadas à piscicultura, através da construção de um tanque para produção de peixes. Todavia, foi relatada a necessidade de capacitação para o desenvolvimento dessa atividade. Também foi possível observar: a) a existência de uma casa comunitária para produção de farinha; b) colheita de piaçava, para ser utilizada como matéria prima para o artesanato local e venda para os fabricantes de vassouras; c) criação de pequenos animais (ex. galinhas, porcos e cabras), para consumo local, com pouca produção de excedentes para comercialização; d) produção de alimentos nos quintais das residências (ex. roças de aipim, mandioca, maracujá, banana e coco), para produção destinada ao consumo local, com pouca produção de excedentes para comercialização; e) falta de

qualificação profissional de jovens e adultos; f) existência de projetos em parceria com a Fundação Terra Mirim, para o desenvolvimento de atividades de artesanato da piaçava e comercialização em feiras organizadas pelo Instituto Mauá; e g) existência de parceria com o Centro Público de Economia Solidária, da Secretaria do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte do Estado da Bahia (CESOL/SETRE), para comercialização do artesanato de piaçava, principalmente em feiras.

Enfim, as lideranças locais se mostraram interessadas no planejamento territorial da Comunidade e compreenderam sua utilidade, inclusive citando a necessidade de planejamento de áreas para lazer, expansão da escola, plantio da roça comunitária, fabricação de vassouras e tanques para produção de peixes.

Já segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a história de Camaçari começa às margens do rio Joanes, em 1558, com a formação da Aldeia do Divino Espírito Santo pelos jesuítas João Gonçalves e Antônio Rodrigues. Logo depois, foi instalada a Companhia de Jesus, espaço para catequização dos índios tupinambás que viviam na região. Em 1624, a Aldeia do Divino Espírito Santo desempenhou um papel importante na expulsão dos holandeses que chegaram à Bahia. Na época, sob a liderança do bispo D. Marcos Teixeira, várias autoridades foram acolhidas na vila e organizaram as tropas de resistência, juntamente com os índios, expulsando, um ano depois, os invasores.

Em Camaçari temos enquanto interlocutora da pesquisa a comunidade Quilombola de Cordoaria. Com mais de 260 anos de história, a Cordoaria é uma comunidade quilombola localizada em Camaçari, na Região Metropolitana de Salvador (RMS). No local, 300 famílias desenvolvem atividades do cotidiano e conquistam os benefícios das políticas públicas desenvolvidas pelo Governo da Bahia.

Por fim temos o Município de Lauro de Freitas, que também possui uma história e origens pautadas nos primeiros tempos do Brasil Colonial e no entorno do Rio Joanes:

Lauro de Freitas antiga freguesia de Santo Amaro do Ipitanga, tem suas origens nos primeiros tempos do Brasil colonial, no longínquo ano de 1552, quando Garcia D'Ávila, criado e almoxarife de Tomé de Souza, pediu e obteve deleque era o Governador Geraldo Brasil, no dia 21 de maio, duas léguas de terras ao longo do mar, nos campos de Itapuã e Vale do Rio Joanes. (Site Prefeitura de Lauro de Freitas)

Nota-se que as histórias das cidades que são banhadas pelo Rio Joanes têm muitas aproximações, mesmo estando distantes estão ligadas por um fio condutor que é o Joanes, este rio possui uma história muito forte de resistência este foi palco de muitas lutas principalmente do povo negro e indígenas. Vejamos mais sobre a história:

Foi o 1º marco lusitano na região, pois até então só os índios tupinambás aqui habitavam. Garcia D'Ávila recebeu algumas das primeiras cabeças de gado trazidas para o Brasil e aqui pelos campos de Tatuapara onde ergueu a sua fortaleza e pelos arredores (Aldeia do Espírito Santo, Ipitanga e Itapuã), fez o ponto de partida no Nordeste, para o ciclo do gado, de tão grande importância para o nosso país. Os jesuítas também marcaram presença importante. Já em 1578 temos o registro de suas passagens por nossa terra, quando de uma visita à aldeia do Espírito Santo (atual Vila de Abrantes), ocasião em que é atribuído um milagre ao padre Anchieta, ao salvar um índio de afogar-se nas águas caudalosas do Rio Joanes em 1608 fundam a freguesia de Santo Amaro do Ipitanga. (Site Prefeitura de Lauro de Freitas)

Houve grande resistência por parte dos índios e escravizados africanos, culminando com o “Combate do Rio Joanes” protagonizado por negros muçulmanos, travado nas margens do rio, em Portão no dia 28 de fevereiro de 1814 e que resultou em muitas mortes.

Para dialogar com a pesquisa em Lauro de Freitas temos duas comunidades por onde passa o rio Joanes que é o Quilombo de Quingoma que tem uma história que conheceremos a seguir:

A história da comunidade de Quingoma dialoga com as histórias das outras comunidades tendo em vista o período colonial as atividades açucareiras nos antigos engenhos da época. Em Quingoma também possui muitas nascentes de rio, o grande Joanes quando ainda era preservado já foi considerado muito importantes para este quilombo. As pessoas pescavam e tinha o rio como fonte de lazer e para atividades pesqueiras. Porém atualmente encontra-se poluído devido as construções imobiliária que tomam boa parte do rio durante todo o percurso.

Jaíba é o nome da segunda comunidade quilombola situada na cidade de Lauro de Freitas que encontra-se no bairro de Areia Branca. Esta comunidade fica um pouco distante de Lauro de Freitas, cerca 30km do centro. Este é um local que ainda conta com uma paisagem verde e muitas histórias. De acordo com o site histórias invisíveis o bairro tem o nome areia branca por conta que ali se escavava areia e era branca.

Frente ao exposto sobre as cidades e suas respectivas comunidades é notável que todas elas dialogam tendo em vista que foram desenvolvidas ao partir dos engenhos açucareiros suas histórias e origens se conectam a partir do Rio Joanes.

Este por sua vez teve no período colonial Brasileiro importante papel como observa-se por exemplo a história de Camaçari que inicia em suas margens e na atualidade este rio continua com grande importância para estas comunidades, muito embora não esteja mais conservado como em outras épocas, continua correndo e banhando as comunidades tradicionais e não tradicionais na região metropolitana RMS e pelo recôncavo baiano.

3 METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi um estudo exploratório e descritivo, tendo como base relato de experiência, elaborado no contexto das disciplinas de Metodologia e gestão de recursos Hídricos, ministrada nos módulos no período do curso de Especialização em Recursos Hídricos, Energéticos e ambientais pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira (UNILAB), campus dos Malês, que tem como objetivo principal analisar como se relacionam as comunidades tradicionais em relação aos recursos naturais encontrados na bacia do Rio Joanes. A base metodológica utilizada para a pesquisa foi de caráter descritivo, documental. bem como por meio de construção de relatos com os interlocutores de cada comunidade e com o gestor da APA Joanes-Ipitanga, haja vista que estes possuem informações que irão viabilizar a qualidade e bom andamento para a pesquisa. Já a abordagem foi qualitativa. A pesquisa se deu por meio de relatos de experiência a fim de construir relatos com os interlocutores das comunidades que estão no entorno do Rio Joanes e dentro da APA Joanes-Ipitanga.

Tendo em vista que a pesquisa documental, devido a suas características, pode ser confundida com a pesquisa bibliográfica. Gil (2008) destaca como principal diferença entre esses tipos de pesquisa a natureza das fontes de ambas as pesquisas. Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições de vários autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental baseia-se em materiais que não receberam ainda um tratamento analítico ou que podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa

A utilização da pesquisa documental é destacada no momento em que podemos organizar informações que se encontram dispersas, conferindo-lhe uma nova importância como fonte de consulta. Nessa tipologia de pesquisa, os

documentos são classificados em dois tipos principais: fontes de primeira mão e fontes de segunda mão. Gil (2008) define os documentos de primeira mão como os que não receberam qualquer tratamento analítico, como: documentos oficiais, reportagens de jornal, cartas, contratos, diários, filmes, fotografias, gravações etc. Os documentos de segunda mão são os que, de alguma forma, já foram analisados, tais como: relatórios de pesquisa, relatórios de empresas, tabelas estatísticas, entre outros. Deste modo, a captação de dados para esta pesquisa cumpriu as seguintes etapas: Escolha do tema bem como da problemática, pesquisa documental, construção de relatos de experiência, análise dos dados, descrição de dados construídos. Na etapa da pesquisa documental foram encontradas informações bastante precisas nos escritos e relatos do Gestor da APA Joanes-Ipitanga Geneci Braz.

A escolha do tema se deu à partir da disciplina de metodologia ministrada por esta especialização bem como por cursar uma outra especialização sobre Estados e direitos dos povos e comunidades tradicionais na UFBA e ter contato com a temática sobre comunidades tradicionais principalmente no tange a questão do direito a água e recursos hídricos, tendo em vista também que trabalhei durante 06 anos na secretaria municipal de Meio Ambiente(SEMA) de São Francisco do Conde-BA e ter uma aproximação com este tema e ter acompanhado algumas ações realizadas em prol da preservação do Joanes. A problemática surgiu à partir da inquietação de querer identificar como se relacionam as comunidades tradicionais em relação aos recursos naturais encontrados na Bacia do Rio Joanes.

A construção de relatos se caracteriza como a etapa do conhecimento da realidade, o qual se trata de uma aproximação e, nunca, um conhecimento total da mesma, uma vez que essa é dinâmica e por isso há necessidade de sempre estar sendo revisitada. O conhecimento da realidade das comunidades possibilita um estreitamento e melhor definição acerca do que está sendo pesquisado, o que é necessário conhecer naquele momento, o que pode ser trabalhado pelo pesquisador durante o período e o que necessita ser aprofundado no período subsequente. Esse tipo de estudo tem como finalidade aproximar a pesquisador da comunidade. Assim, enquanto pesquisadora participante utilizei a observação atenta e diálogos informais com alguns moradores antigos de algumas comunidades sobre tudo Quilombolas e pesqueiras, norteadas por um roteiro construído a partir do referencial teórico-metodológico. O roteiro norteador da captação é um instrumento de trabalho que viabilizou e direcionou a coleta dos relatos.

Vale salientar que para compor esta pesquisa contei diretamente com 07 (sete) interlocutores os quais foram fundamentais para o decorrer desta. Ao final da coleta dos relatos realizadas com estes interlocutores obtive “bagagem” suficiente para continuar esta pesquisa. Agora disponho de 07 (sete) tipos de relatos que para mim são relatos de vida, que coletei durante vários dias, cada uma delas dentro das possibilidades e limitações de cada interlocutor.

No quadro abaixo apresento algumas informações da identificação sintetizada dos perfis dos sete colaboradores: nome, (ou apelidos que também foram utilizados durante a pesquisa), cidade e, por fim, comunidade tradicional.

Quadro 1 - Dados Gerais dos interlocutores da pesquisa

Nº	Nome ou apelidos	Cidade	Comunidade tradicional
1	Valquíria	Camaçari	Cordoaria
2	Rose	Camaçari	Cordoaria
3	Sr. Dadú	Camaçari	Cordoaria
4	D. Ana	Lauro de Freitas	Quingoma
5	Rejane	Lauro de Freitas	Quingoma
6	D. Diva	Lauro de Freitas	Areia Branca
7	Geneci Braz	Salvador	APA- Joanes-Ipitanga

Fonte: Trabalho de Campo, autora, 2018.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 RELATANDO A EXPERIÊNCIA ACERCA DO RIO JOANES E AS COMUNIDADES TRADICIONAIS

As comunidades inseridas no território da Unidade de Conservação, as ou populações tradicionais mantêm os seus aspectos culturais e praticam, sobretudo,

a agricultura, a pesca e o extrativismo voltados à subsistência. Na área de preservação ambiental-APA Joanes-Ipitanga estas comunidades estão representadas por pescadores, ribeirinhos e quilombolas, sendo estas últimas mais representativas e distribuídas nos municípios de Salvador, Camaçari, Lauro de Freitas, Simões Filho e São Sebastião do Passé. A população dessas comunidades se constitui como um elemento primordial no processo de uso sustentável dos recursos naturais, na medida em que aliam a preservação e manutenção desses ativos na bacia do rio Joanes.

A necessidade de conservação dos recursos hídricos da APA Joanes-Ipitanga, associada à busca de melhoria na qualidade de vida das famílias de que integram as comunidades tradicionais através de práticas sustentáveis com geração de renda e aqueçam a economia local.

A água se configura como um recurso natural limitado, que apesar de ser renovável, pode passar por situações de escassez. Além de fundamental para a vida, caracteriza-se, também, como um recurso estratégico para o desenvolvimento econômico, para a manutenção e sustentabilidade dos ecossistemas e da saúde e o bem-estar das populações ali estabelecidas.

Dialoguei com Geneci Braz gestor da APA Joanes-Ipitanga sobre a importância do Rio Joanes para as comunidades tradicionais sobretudo comunidades quilombolas e pesqueiras e de acordo com ele:

A comunidade de pescadores de Parafuso, situada no município de Camaçari é uma das áreas onde há maior predominância do uso das águas do Rio Joanes por meio da atividade pesqueira artesanal. Neste local não há organização formalizada. Entretanto, os pescadores locais estão organizados basicamente em três grupos: os chamados avulsos, composto de pescadores dispersos e dois microempresários que realizam as principais operações locais em termos de volume de captura e comercialização de pescados. No meio destes dois grupos destacam-se algumas lideranças comunitárias que procuram fomentar a união dos pescadores e a formação de uma associação local de pescadores, mas encontram dificuldades para sua efetivação. (GENECI BRAZ)

Sobre a comunidade Quilombola de Dandá ele traz um breve relato sobre o processo de titulação das terras. De acordo com ele:

A comunidade Quilombola de Dandá, situada no município de Simões Filho/BA, foi certificada, em 2004, pela Fundação Palmares, como remanescentes de quilombo. O processo de titulação das terras, com cerca de 347 hectares, onde os quilombolas residem e desenvolvem suas atividades, está em fase de regularização por parte do INCRA. (GENECI BRAZ)

No que diz respeito às atividades produtivas, foi informada a existência de atividade pesqueira, para subsistência, a qual sofreu uma significativa redução devido à poluição do rio Itamboatá. Em visita realizada, as lideranças locais informaram que há o interesse no desenvolvimento de atividades relacionadas à piscicultura, através da construção de um tanque para produção de peixes. Todavia, foi relatada a necessidade de capacitação para o desenvolvimento dessa atividade.

4.1.1 Dialogando com as comunidades interlocutoras da pesquisa sobre a importância do Rio Joanes

Na comunidade Quilombola de Dandá temos como referência a líder conhecida como Lora Danda. Esta comunidade tem uma história de resistência, não se resume ao período de escravização do negro no Brasil. Constituída por 208 pessoas, a maioria delas analfabeta, a comunidade remanescente de quilombo luta para preservar tradições e costumes passados de geração em geração. Sandra Santos de Santana, 34 anos, conhecida como "Lôra", conta que faz parte da 4ª geração formada originalmente por um grupo de 12 negros escravizados que fugiram de uma fazenda da região. "Até hoje não sabemos de onde eles vieram. Sempre teve muito mato aqui. 'Dandá' é uma planta muito usada em banhos de limpeza nos cultos Candomblé. A semente do 'Dandá' também era usada para cachaça. São 200 anos de resistência", conta Sandra Santana.

Já na comunidade Quilombola de Cordoaria situada no município de Camaçari em Vila de Abrantes, em uma visita conversei com seu Dadú e Rose líderes comunitários e eles disseram que o Joanes é muito importante para a comunidade de Cordoária uma vez que eles possuem plantação de mandioca, dentre outros, possuem casa de farinha e necessitam muito da utilização da água do rio para beneficiar a plantação, lavar a mandioca bem como consumo doméstico. Cordoária possui uma parte bastante preservada do Joanes e Sr. Dadú se orgulha muito em ter sua comunidade banhada por este rio.

Ao dialogar com Rose liderança Quilombola de Cordoária qual a importância do Joanes para Cordoaria ela relatou que:

O Joanes é uma importante fonte de renda, lazer e entretenimento. do Joanes os moradores da comunidade quilombola de cordoaria pescam a tilápia para consumo próprio e para subsistência, vendem os peixes tanto pra os moradores quanto para visitantes. O Joanes também tem muita influência na gastronomia regional quilombola pois a tilápia que vai para a mesa dos

moradores e transformada em um prato típico da comunidade que é a tilápia na palha da banana e a moqueca da tilápia com mamão verde. A um ano e quatro meses o rio Joanes também está sendo um atrativo para o turismo étnico afro, onde o quilombo de cordoaria recebe visitantes e turistas do Brasil e de vários países sem contar nas escolas e universidades que visitam a comunidade fazendo trilhas na mata e passeios de canoa e banho no rio Joanes, e mergulham na rica história dos moradores centenários quilombolas que ali vivem há mais de 300 anos. (ROSE)

Continuamos o diálogo acerca de como Cordoaria se relaciona com o Joanes e Rose respondeu que a relação é das melhores que os moradores vão banhar-se aos domingos e feriados mais que porém está sofrendo degradação como seguiu no relato:

Hoje o rio Joanes vem passando por um momento de muita preocupação por parte dos moradores pois os níveis de poluição do rio estão elevados e a companhia de abastecimento de água (Embasa) que usa as águas do Joanes para abastecer a região metropolitana de Salvador tem feito alguma campanhas de conscientização para que a população ajude na conservação do rio, mais ainda e muito pouco para a solução do problema (ROSE)

Ainda sobre Cordoaria também ouvir o relato de Valquíria Vinhas, moradora da comunidade de Cordoária e pesquisadora sobretudo das questões no cerne dos Estados e Direitos dos povos e comunidades tradicionais, ela relatou que:

Cordoária mesmo estando cadastrada no programa água para todos não está acessando água encanada e estão passando nesse período de verão muitas dificuldades e as pessoas estão indo até o rio buscar água in natura para satisfazer suas necessidades.

Cordoária está sem água encanada, e algumas pessoas mais antigas estão deixando a comunidade no período de verão e só retornam no inverno por causa da escassez de água encanada. Seria interessante um replantio da mata ciliar do Joanes, pois devido as construções de empreendimentos como condomínios o nível da água está baixando muito, devido as perfurações que os empreendimentos estão fazendo em Cordoaria. (Valquíria Vinhas).

Nos relatos de Valquíria, foi possível perceber o quanto os empreendimentos estão degradando este importante rio e a falta de compromisso das empresas com o meio ambiente e com as comunidades onde se instalam.

No município de Lauro de Freitas trago duas comunidades que são banhadas pelo Joanes que tive contato para a pesquisa é a comunidade Loteamento Jaíba, bairro Areia Branca. Esta comunidade segundo o relato de dona Diva é mista sendo quilombola e pesqueira e fica situada na área do Joanes II. Para ela que é uma das lideranças de Jaíba e faz parte do conselho gestor da APA Joanes-Ipitanga:

A importância dele (Rio Joanes) para nós é muito grande. Aqui o pessoal preserva e conserva pois muita gente tira seu sustento através da pesca e do turismo pois aqui tem uma parte que serve para turismo. Até temos do que nos orgulhar (Dona Diva)

De acordo com dona Diva as pessoas que vão de fora para fazer turismo é que joga lixo e degrada o rio. Ela relata ainda que falta é um pouco de Conscientização por parte dos visitantes e turistas.

A segunda comunidade é a Quilombola de Quingoma. Esta é uma antiga zona do engenho do recôncavo baiano, que está localizada a três km de Lauro de Freitas e possui aproximadamente 3.500 moradores que buscam o resgate de suas raízes, pois se reconhecem como remanescentes de quilombos, mas ainda não foram reconhecidos. Quingoma é uma etnia africana vinda em menor números para Bahia trabalhavam nas fazendas e engenhos da freguesia se Santo Amaro. (Hoje Lauro de Freitas) como escravos na produção de cana de açúcar. (Andréa Mota)

O contato com a liderança Rejane foi feito através do colega João Paulo da especialização de Estados e direitos dos povos e comunidades tradicionais-UFBA. E ela relatou que todos os rios são importantes e com certeza o Joanes é importante para o quilombo de Quingoma. Rejane relatou também que a comunidade está enfrentando sérios problemas com a questão da ameaça de perda de 80% do território da comunidade. Rejane forneceu para a pesquisa ora apresentada material sobre o que está ocorrendo, o governo do estado e as empreiteiras querem roubar 80% do território de Quingoma. No dia de Abril do ano corrente terá uma audiência na casa civil para a comunidade apresentar a contraproposta. A comunidade está organizada para reivindicar seu direito junto ao território com o movimento aquilombar.

Em Quingoma coletei o relato de Dona Ana Lúcia liderança religiosa da comunidade. Ao perguntar a Dona Ana qual a importância do Joanes para Quingoma ela responde o seguinte:

O Rio Joanes em alguns trechos está poluído. A atividade que desenvolvemos é a pesca. Parte da nossa história foi vivida no leito desse rio nas jangadas de pescaria e em suas margens com nossos gererés pegamos outrora nosso camarão, nosso pitu e caranguejo nos seus manguezais. Fomos alimentados por este Rio majestoso que hoje sofre com a poluição quando os condomínios que foram construídos às suas margens despejam seus dejetos sem tratamento nele. Ainda há tempo de salvar o nosso Rio Joanes que outrora nos alimentou com seus frutos e suas energias ancestrais.(Dona Ana Lúcia)

No relato de Dona Ana Lúcia pode-se observar o quão importante o Joanes é para a comunidade de Quingoma, haja vista que as atividades econômicas de pescaria, bem como religiosas e histórica. Porém atualmente encontra-se poluído por atividades industriais e empreendimentos.

No tópico abaixo serão apresentadas as discussões construídas ao longo da pesquisa.

4.2 DISCUSSÕES

Discutindo com os relatos faz-se cumprir o objetivo geral da pesquisa ora apresentada que é analisar como as comunidades tradicionais quilombolas e pesqueira que estão na bacia hidrográfica do Joanes se relaciona com esse recurso natural. É válido destacar que está sendo enriquecedor construir os relatos de experiências cada uma traz uma lição diferente, cada comunidade com suas particularidades. E de imensa alegria partilhar aqui que a maioria das lideranças são femininas e cheias de garra para defender seu território.

Observa-se na construção de relatos que de fato o Rio Joanes é muito importante para estas comunidades, uma vez que cada comunidade possui uma ou mais atividades seja econômica ou até mesmo para consumo pessoal relacionados ao rio, sejam elas pesqueiras, turísticas até mesmo raspagem de mandioca e feita de farinha, hortas familiares, dentre outras.

Nas andanças passei por algumas comunidades pude observar o quão é o Rio Joanes aqui em São Francisco do Conde ele nasce ainda de forma tímida e no decorrer do seu trajeto por Candeias, São Sebastião até chegar em Buraquinho-Parafuso ele vai ganhando corpo e formato para junto com o Paraguaçu abastecer uma imensa população. Todas essas andanças foram enriquecedoras enquanto profissional Gestora Ambiental e futura especialista em Recursos Hídricos e Ambientais. Confesso que durante esse percurso me deparei com várias situações e

relatos que me entristeceram como é o caso da comunidade Quingoma que está na luta por território, Cordoaria que passa por maus bocados com os empreendimentos, Danda sofre com a poluição por parte das indústrias e Jaíba com a degradação por parte do turismo e também empresas. O território que envolve o Rio Joanes e as comunidades tradicionais que ficam no seu entorno é muito rico cheio de valores históricos e culturais. As comunidades apresentadas aqui na pesquisa são carregadas de histórias em sua maioria quilombolas. Nesta mistura de Rio e comunidades há sentimento bom que trazem consigo identidades fortes este território é majoritariamente negro, populações resistentes que lutaram e continuam lutando para garantir este território. Palco de diversos conflitos territoriais. Não foi à toa que neste território foi realizado o levante do Joanes.

Um dos objetivos específicos da pesquisa é “Propor ações voltadas para a prática de educação ambiental e possivelmente a busca de uma melhor qualidade ambiental para as comunidades interlocutoras da pesquisa. A ação proposta pela pesquisa é uma ação educativa desenvolvida pelas lideranças comunitárias sensibilizando os moradores e posteriormente os visitantes destas comunidades. No tocante aos empreendimentos que impactam estas, se faz necessário um diálogo junto ao INEMA e a gestão da APA Joanes-Ipitanga.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar os dados obtidos em campo é notável a preocupação dos povos tradicionais com o Rio Joanes haja vista que ser banhado por um rio é de suma importância tendo em vista a crise hídrica, estiagem em período de verão, dentre outros fatores. Porém uma gama de atividades age sobre o Joanes em seu trajeto, entre eles: a supressão da mata ciliar em trechos próximos da nascente, lançamento de efluentes industriais; extração ou lavra de substâncias minerais utilizadas na construção civil; lançamento de esgotos domésticos sem tratamento, disposição de lixo doméstico, a ocupação desordenada do solo provocando a erosão das margens e conseqüente assoreamento da calha fluvial, contribuindo para o aumento da turbidez, alterando a qualidade das águas dos rios da bacia. Ou seja uma diversidade de impactos ambientais em seu corpo hídrico desde a nascente aqui em

São Francisco do Conde até desaguar na praia de Buraquinho em Lauro de Freitas. Que acabam impactando negativamente para degradação em alguns trechos deste.

Na comunidade quilombola de Cordoária por exemplo, o Joanes está sofrendo muito com as construções de empreendimentos com Alpha Ville, para o bom andamento da construção eles os empreendedores estão perfurando poços para extrair água e desviando o curso do Rio.

A comunidade Quilombola de Dandá, situada no município de Simões Filho/BA, vem sofrendo uma significativa redução na sua produtividade pesqueira devido à poluição do rio Itamboatá. Dessa forma os moradores mostraram interesse no desenvolvimento de atividades relacionadas à piscicultura, através da construção de um tanque para produção de peixes, visando a sustentabilidade da comunidade.

Por fim, observa-se que a comunidade de pescadores de Parafuso, situada no município de Camaçari é uma das áreas onde há maior predominância do uso das águas do Rio Joanes, por meio da atividade pesqueira artesanal. Estes possuem uma relação bastante forte com as atividades pesqueiras. De maneira geral esta pesquisa ora apresentada não encerra as possibilidades de como estas comunidades se relaciona com o rio Joanes, apenas é uma possibilidade para tal.

REFERÊNCIAS

APA JOANES-IPITANGA. Levantamento das manifestações emitidas na APA Joanes-Ipitanga - 2005 a Janeiro de 2011.

APA JOANES-IPITANGA. Banco de dados. INEMA. Salvador. 2013.

ARRUDA, Rinaldo. “Populações tradicionais” e a proteção dos recursos naturais em unidades de conservação.

BAHIA. Governo do Estado da Bahia. Centro de Recursos Ambientais. Diagnóstico Ambiental da APA Joanes/Ipitanga: relatório final qualidade ambiental atual. Salvador, 2001.

BLOG: Historias invisíveis historiasinvisiveisq.blogspot.com/p/quiringoma_26.html. Acessado em 30.03.18

CRA. CENTRO DE RECURSOS AMBIENTAIS. Avaliação da Qualidade das Águas das Bacias Hidrográficas do Recôncavo Norte. Relatório Final/2000. Salvador-BA. 2000.

CONSEA Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional – CONSEA. Disponível em: www.planalto.gov.br/CONSEA Acessado em 20.01.18

CAMAÇARI (BA). Prefeitura. 2018. Disponível em: <http://www.camacari.ba.gov.br>. Acesso em: Abril.2018. Site: CamaçariNoticiais: Disponível <http://www.cn1.com.br/noticias/18/37456,comunidade-quilombola-preserva-cultivo-de-mandioca-em-camaccari.html>

DECRETO nº 6.040, de 07 de fevereiro de 2007, que instituiu a “Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais”

GEOGRAFAR, A geografia dos assentamentos na área rural. Grupo de pesquisa POSGEO/UFBA, Salvador, 2010. Disponível em WWW.georafar UFBA.br

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

LITTLE, Paul. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. Brasília: UNB, 2002. (Série Antropológica, 322). Disponível em: http://vsites.unb.br/ics/dan/serie_antro.htm. 20 Março de 2018.

REIS, João José: Recôncavo Rebelde: Revoltas escravas nos engenhos baianos-UFBA, 1990

Relatório de visita técnica da DIRUC/INEMA Junho de 2015.

SANTOS, José Jorge Espírito do, 1963. São Francisco do Conde; resgate de uma riqueza cultural. São Francisco do Conde, 1998.

SEMA. Decreto Nº 11.235/2008, que prova o Regulamento da Lei nº 10.431, de 20 de dezembro de 2006, que institui a Política de Meio Ambiente e de Proteção à Biodiversidade do Estado da Bahia e dá outras providencias. Disponível em: <http://www.meioambiente.ba.gov.br/legislação>.

SILVA, Lucas Bento da. Comunidades Tradicionais no Brasil o processo de reconhecimento étnico e territorial Disponível Revista de Geografia (Recife) V33, No.1, 2016: <http://www.revista.ufpe.br/revistageografia>: Acessado em 09.08.16

Site: Prefeitura Municipal de Lauro de Freitas. Disponível em: www.laurodefreitas.ba.gov.br/

SOUSA, Geneci Braz de. Conselho Gestor da APA Joanes-Ipitanga e suas contribuições para o fortalecimento da gestão ambiental de municípios da Região Metropolitana de Salvador. 2014. 87 fls. Monografia (Especialização em Gestão Ambiental em Municípios). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

_____. Zoneamento Ecológico-econômico como instrumento de planejamento e ordenamento territorial em área costeira da APA Joanes-Ipitanga.